

QUO VADIS, SALA DE CINEMA?

Uma tese que promove a reflexão: O TEMPO PASSA COMO UM LEÃO QUE RUGE. É esse o nome do ensaio cinematográfico idiossincrático e refrescante de Philipp Hartmann, que ele levou por sua própria iniciativa às 66 salas de cinemas que deram o título ao seu filme, diante de um total de 2.657 espectadores. Ninguém em Hollywood perde o sono por isto, no entanto, Hartmann, viajou pela Alemanha durante quase um ano, entrevistando os operadores de cinema após as projeções. Começamos na mais pequena das salas, em Baden-Württemberg, 18 lugares à espera para ser ocupados, um sino chama os espetadores para a exibição. Em Wiesbaden, uma senhora encostada ao palco mostra uma expressão de orgulho no que criou, enquanto que um pouco mais à frente se antevê a extinção dos cinemas de sala única. De repente, surgem as primeiras nuvens a perturbar a boa atmosfera: Será o cinema realmente uma eterna luta? Será que a digitalização não cumpriu, de facto, as suas promessas, embora mereça ser colocada ao mesmo nível da passagem do cinema mudo para o cinema

sonoro? Sem dúvida: o mundo dos projetores de 35mm, está rodeado de uma magia da qual o DCP claramente carece - independentemente dos saltos de qualidade técnica. Estas e muitas outras observações permitem aos interlocutores não só ver os verdadeiros originais, mas também elaborar montagens inteligentes do material a ser exibido. Espreitamos os bastidores que de outra forma seriam vedados ao público, bem como ouvimos observações críticas que, na sua maioria, têm uma componente monetária: Emprego permanente, onde é que isso já vai? Entre o sorriso de CinemaxX e a auto-reflexão multifacetada, entre a recusa de jogo puro e as necessidades económicas, as oscilações melancólicas, mas nunca as lágrimas. E depois conhecer o diretor do Cineplex Paderborn, sim, um multiplex! Ele adora a programação independente, a sua mãe e música litúrgica. Ouvir o entusiasta simpático e duro traz algo claramente à tona. Nomeadamente, que não é preciso temer pelo cinema quando este é dirigido por pessoas com paixão, know-how e uma vontade inabalável acima de tudo.

Frank Blessin, Player

NUMA GALÁXIA MUITO PRÓXIMA – O BELO DOCUMENTÁRIO DE PHILIPP HARTMANN

Blockbusters como o novo filme "Guerra das Estrelas" são apenas motivo de alegria para uma parte da indústria.

Blockbusters como este afastam os espectadores dos pequenos cinemas independentes, porque mesmo os espectadores mais leais se permitem um prazer nostálgico neste caso e, na Alemanha, as pessoas vão ao cinema em média menos de duas vezes por ano. Dito isto, são tempos difíceis para as salas de cinema independentes com os blockbusters.

Philipp Hartmann não é um desses realizadores mais óbvios.

Mas o cineasta natural de Hamburgo, de quarenta e cinco anos, faz bons filmes, como "O tempo voa como um leão que rugem" de 2013. Nele, partiu em busca do tempo do desaparecimento e criou algo a que ele próprio chama "ensaio cinematográfico". Exatamente 2657 espectadores assistiram ao seu filme, e apenas porque Hartmann o apresentou pessoalmente, numa digressão auto-organizada por 66 salas de cinema da Alemanha que durou vários meses. E, como já tinha lá estado antes, filmou conversas com os operadores em cada um dos locais, recolheu impressões das suas vidas e utilizou-as para montar o seu próximo filme, que agora é a apresentado da mesma forma: Hartmann estará na estrada com a nova produção até Março. Chama-se "66 CINEMAS". Aqueles que o puderem ver devem aproveitar a oportunidade,

porque o filme é muito mais do que "apenas" uma declaração impressionista de amor pelo cinema e pelos seus entusiastas; é também um balanço da mudança que está a ocorrer na cena cinematográfica alemã. A segunda sala de cinema retratada no filme, o "Blaue Königin" em Bühl, Baden, já fechou e um dos interlocutores mais impressionantes de Hartmann, uma programadora de um multiplex de Paderborn, perdeu o seu emprego. Mas a maioria dos loucos do cinema e os seus encantadores gabinetes repletos curiosidades ainda subsistem, e vale a pena ver o filme, nem que seja para saber onde são os grandes cinemas de Alpirsbach ou Magdeburg. A maioria dos 66 cinemas visitados são apenas representados por fotografias das suas salas. A primeira versão de "66 CINEMAS" tinha uma duração de treze horas. Com o coração partido Hartmann teve de encurtar o filme para 100 minutos, mas o que foi cortado pode ser visto na internet (www.66kinos.de), e este material de bónus também vale a pena. Mas não substitui o filme, especialmente a adorável cena em que um cão pequeno persegue um cinzeiro no foyer do cinema. Bom cinema com orçamento reduzido. E um bom modelo de negócio: a maioria das 66 salas de cinema voltou a convidar Hartmann com o seu novo filme. Seria risível se não viessem mais do que 2.567 espetadores.

Andreas Platthaus, 14.12.2017, FAZ

Philipp Hartmann fez da digressão cinematográfica pela Alemanha do seu filme "O tempo passa como um leão que rugir" uma ocasião para rodar outro filme: acompanhou a digressão com a sua câmara desde o Outono de 2014 até à Primavera de 2015 e retratou as 66 salas de cinema alemãs onde o seu filme foi exibido, bem como os seus operadores de cinema. O resultado é um retrato maravilhosamente multifacetado da paisagem cinematográfica alemã, desde o pequeno auditório do mosteiro de 500 anos em Alpirsbach/Black Forest até ao magnífico Schauburg em Karlsruhe, e desde o cinema workshop de Munique (Münchner Filmwerkstatt) até ao multiplex, onde também são alugados auditórios para palestras universitárias. Por muito variada que seja a arquitetura das salas, por muito diferentes que sejam os operadores, todos têm algo em comum, a paixão pelo cinema. Falam da história do seu cinema, bem como da recente passagem ao digital e do futuro incerto. O olhar de Hartmann é alicerçado numa profunda empatia. Deixa os cineastas falar dos seus problemas e queixar-se da falta de apoio ao cinema como espaço museológico, mas, apesar de todas as profecias de desgraça, também há lugar para alguma esperança, ao apresentar o novo projeto cinematográfico berlinense Wolf ou as novas possibilidades de apresentação de filmes sob a forma de instalações.

Walter Gasperi, kultur-online.net

OS AUDITÓRIOS DO MUNDO

Philipp Hartmann fez uma digressão por 66 salas de cinema com o seu último filme. Está agora a retratá-las em "66 CINEMAS". Não que os cinemas estejam a ficar sem filmes, pelo contrário, eles estão a perder o seu público. Tal é visível em "66 CINEMAS" de Philipp Hartmann, um realizador de Karlsruhe, e uma pessoa simpática. Com o seu anterior filme de ensaio "O tempo passa como um leão que rugir", visitou 66 salas de cinema alemãs - em 2016 também visitou a Rote Fabrik - e filmou o cinema, os operadores e público. Os auditórios são mais frequentemente salpicados de pessoas do que preenchidos por estas. Por outro lado, há salas muito simpaticamente desgastadas nestes locais na paisagem cinematográfica das salas alemãs, desde Wiesbaden a Paderborn e Alpirsbach. Hartmann aborda os operadores de forma casual, a câmara conduzida suavemente nas suas mãos. Falam-lhe das mudanças trazidas pela digitalização, do passatempo cinéfilo que nunca foi muito bem-sucedido comercialmente, da luta constante que têm vindo a travar há décadas. Cheira a nostalgia guardada e, para muitos cinemas de sala única desgastados, o passado é ainda suficientemente bom como futuro. Fica-se muito nostálgico. Tudo soa tão familiar, seja o balcão de bilheteira improvisado ou as programações feitas com amor. Aqui vive o mundo consciente da sua história das reposições e das sessões duplas. Nasceu da contracultura política, quando nem todos os que se intitulavam programadores conseguiam encher um frigorífico. Philipp Hartmann retrata-os de forma quase desengenhosa, num filme de alto valor utilitário.

Pascal Blum, Tagesanzeiger Zurich

De ontem para hoje, matinés cinematográficas a 3 marcos e os imponderáveis da digitalização: "Uma viagem pela paisagem cinematográfica alemã", de Philipp Hartmann, é de visionamento imprescindível para todos os amantes do cinema. Entre o Outono de 2014 e o Verão de 2015, o cineasta Philipp Hartmann (nascido em 1972) apresentou pessoalmente o seu filme ensaio "O tempo passa como um leão que rugiu" em 66 salas de cinema alemãs numa digressão cinematográfica. Durante a mesma, o realizador falou com os programadores, e o resultado é o filme documentário "66 CINEMAS". 66 salas de cinema em 98 minutos poder-nos-ia parecer uma tentativa de "meter o Rossio na rua da Betesga", mas felizmente não é o caso. De alguns dos cinemas, vemos apenas a fachada exterior. Noutros, os operadores de cinema e os programadores têm uma palavra a dizer. Num total de 30 salas de cinema fala-se do estado de uma indústria em tempos de mudança. Fala-se do facto de a digitalização não permitir um acesso normal aos filmes, das salas de cinema estarem à mercê da arbitrariedade dos distribuidores, ou do número de empregados permanentes estar continuamente a diminuir. Temos o singular Werkstattkino, em Munique, que consiste num "coletivo autónomo de lutadores individuais", como um deles o caracteriza, mas também naqueles que têm de encontrar um meio termo entre os programas multiplex e o cinema independente. Hartmann apenas toma a liberdade de fazer um balanço em duas áreas. Uma é a ligação dos cinemas ao sector da restauração, presente em quase metade dos cinemas, e que muitas vezes estabiliza

a situação financeira. Cabe a Lars Henrik Gass, diretor do Festival de Curtas-Metragens de Oberhausen, oferecer, uma vez mais, uma perspetiva bastante pessimista. Não acredita que a digitalização impedirá a morte do cinema, vê o futuro do cinema entre um "cinema representativo" para grandes produções, por um lado, e pequenas salas de cinema "multifuncionais", por outro. Algumas das seguintes afirmações de operadores, que se referem à disponibilidade simultânea de diferentes formas de projeção e salas de cinema flexíveis, enquadram-se neste panorama. Estas declarações bastante sóbrias são contrariadas por declarações de outros programadores, que enfatizam o seu entusiasmo. "Se eu não mostrasse o filme, ele estaria perdido para o mundo", proclama um - "isto é um trabalho meritório". Outro recorda-se da sua socialização no próprio cinema que dirige hoje, as várias matinés, que frequentemente assistia de enfiada. Assim, o filme é também uma viagem ao passado da socialização cinematográfica, na qual os espectadores se encontrarão com as suas próprias histórias. Especialmente, o amor pelo celuloide, pela tangibilidade do material reproduzido, que corre como um fio condutor através dos vários depoimentos. Há, ainda, tempo para uma digressão sobre os fotogramas iniciais das bobinas dos filmes, com as suas imagens de cabeças de mulheres, que um dos programadores juntou numa curta-metragem. "66 CINEMAS" é obrigatório para todos os que ainda gostam de ir ao cinema.

Frank Arnold, 16.10.2017, epd-film